

## O ensino das humanidades na era da tecnocracia

Bernardo Lins Brandão <sup>1</sup>

77

### Resumo

Este artigo examina a especificidade epistemológica das humanidades frente à hegemonia do modelo científico-quantitativo na educação contemporânea. Argumenta-se que a insistência em denominar as humanidades de "ciências humanas" revela a tendência tecnocrática de submeter todo conhecimento aos cânones do método científico, desconsiderando formas legítimas de saber que operam segundo uma lógica qualitativa e simbólica. A partir de uma análise histórica da educação ocidental, o artigo recupera dois ideais pedagógicos complementares desenvolvidos na Antiguidade: a *phrónesis* (prudência), cultivada pela tradição retórica de Isócrates, e a *sophía* (sabedoria), buscada pela *philosophía* platônica. Traça-se o percurso dessas duas tradições através da Roma antiga, da Idade Média e da educação jesuítica, até seu progressivo desaparecimento com a ascensão da especialização técnica na modernidade. Conclui-se que as humanidades, antes de constituírem uma especialidade acadêmica, representam um caminho formativo em direção à sabedoria, oferecendo competências essenciais para a vida democrática e profissional contemporânea.

### Palavras-chave

Humanidades; educação humanística; *phrónesis*; *sophía*; tecnocracia.

Recebido em: 02/12/2025

Aprovado em: 21/12/2025

<sup>1</sup> Professor Doutor de Língua e Literatura Grega Antiga na Faculdade de Letras. FALE. UFMG. Doutor e Mestre em Filosofia Antiga pela FAFICH. UFMG. E-mail: [bgsbrandao@gmail.com](mailto:bgsbrandao@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3509-2147>

# *The Teaching of Humanities in the Age of Technocracy*

## **Abstract**

This article examines the epistemological specificity of the humanities in the face of the hegemony of the scientific-quantitative model in contemporary education. It argues that the insistence on labeling the humanities as "human sciences" reveals the technocratic tendency to subject all knowledge to the canons of the scientific method, disregarding legitimate forms of knowledge that operate according to a qualitative and symbolic logic. Through a historical analysis of Western education, the article recovers two complementary pedagogical ideals developed in Antiquity: *phrónesis* (prudence), cultivated by the rhetorical tradition of Isocrates, and *sophía* (wisdom), pursued by Platonic *philosophía*. The trajectory of these two traditions is traced through ancient Rome, the Middle Ages, and Jesuit education, up to their progressive disappearance with the rise of technical specialization in modernity. The article concludes that the humanities, rather than constituting an academic specialty, represent a formative path toward wisdom, offering essential competencies for contemporary democratic and professional life.

## **Keywords:**

Humanities; humanistic education; *phrónesis*; *sophía*; technocracy.

## INTRODUÇÃO

Quando era estudante de letras clássicas e fiz minha primeira pesquisa de iniciação científica, algo me causou estranhamento: o pôster que deveríamos fazer para a apresentação final precisava seguir uma estrutura que era a mesma para os vários cursos: objetivos, metodologia e resultados, como se todos estudássemos química ou física experimental. O problema é que se eu fosse sincero, teria de dizer que meu método havia sido ler sobre Fílon de Alexandria, traduzir o texto grego do *De Opificio Mundi*, refletir sobre o que havia lido enquanto caminhava pelas ruas do *campus* da UFMG e escrever sobre o que havia pensado.

Esse desconforto continuou quando me tornei professor e me levou a uma questão mais profunda: por que insistimos em chamar nosso campo de estudo de *ciências humanas*? Com efeito, a própria expressão revela algo significativo sobre nossa época, a tendência a submeter todo conhecimento ao modelo das ciências exatas. É por isso que prefiro falar em humanidades, área cujo método básico, a partir do qual se constroem os demais, ainda é aquele explicado no séc. XII por Hugo de S. Vítor (*Opúsculo sobre o modo de aprender e meditar*), que o dividia em *lectio*, *meditatio* e *contemplatio* – a leitura, a meditação no que se leu e a contemplação da verdade a partir do que foi meditado. Esse método tem o seu rigor, mas o rigor do *lógos*, do pensamento racional que, como ensinava o Sócrates dos diálogos platônicos, sabe diferenciar entre *epistème* e *dóxa* (o conhecimento a partir das causas da mera opinião), não o rigor quantitativo dos laboratórios.

Por que então a insistência em seguir o modelo de outras áreas? É que, em nosso mundo contemporâneo, o único saber de prestígio é o científico. Para muitos, “aquilo que não é capaz de ser reduzido à ciência natural não pode propriamente ser chamado de conhecimento”, para falar como Isaiah Berlin (no ensaio *Political judgement*), que condenava a ideia. O que não pode ser defendido a partir dos cânones do método científico, como a arte, a psicanálise ou a teologia, é encarado, na melhor das hipóteses, como uma expressão da subjetividade e, não raras vezes, como pseudociência. Há ramos das humanidades que podem ser estudados segundo metodologias científicas e, por isso, são autenticamente ciências humanas: a linguística e a filologia, certos ramos da ciência política, sociologia e psicologia. Mas tantos outros saberes escapam desse molde, o que nos leva à inevitável questão: se não são ciência, para que serviriam? Seriam as humanidades apenas um diletantismo sem utilidade prática?

## A ESPECIFICIDADE DAS HUMANIDADES

Justamente o contrário: as humanidades oferecem um conhecimento tão necessário quanto o das ciências naturais. Mas trata-se de um conhecimento específico, dotado de sua lógica própria. Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, dizia

que é próprio do homem que foi educado (o *pepaideuménos*) buscar, em cada assunto, tanta precisão quanto admite a natureza da coisa. E que é próprio do *apáideutos* (aquele que não foi bem-educado), esperar o rigor da matemática ou da física teórica em todo tipo de conhecimento. O ser, em seus infinitos aspectos, exige diferentes caminhos para os conhecermos e oferece, em cada um deles, um nível maior ou menor de certeza.

Podemos, na matemática, alcançar uma precisão absoluta. Mas não na crítica literária, que, por isso, tantas vezes não é nem mesmo considerada um saber, mas uma expressão subjetiva de gosto. No entanto, poderíamos nos perguntar: existe realmente alguém que acredite que *Cinquenta Tons de Cinza* possui a mesma qualidade de uma peça de Shakespeare? Quando distinguimos entre gosto pessoal e juízo estético – posso gostar de um filme ruim, mesmo sabendo que é ruim – entendemos que a crítica literária tem a sua objetividade. Ela pode mostrar que Shakespeare revela uma compreensão mais profunda da existência, que tem menos clichês, que usa a linguagem de modo mais rico e complexo do que E. L. James. É claro que essa objetividade tem seus limites. Não podemos elaborar um ranking definitivo das grandes obras nem determinar se a *Ilíada* é melhor que a *Odisseia*. O juízo estético comporta algo de objetivo, mas é necessariamente impreciso. Confundimos, no entanto, imprecisão com inexistência. Galileu dizia que o livro da natureza foi escrito em linguagem matemática. Mas a experiência humana não pode ser traduzida em equações. Sua língua, como mostraram autores como Susan Langer (2024) e Eric Voegelin (2025), é o símbolo, que nos abre para uma compreensão qualitativa da realidade.

Essa dimensão não é dispensável, nem mesmo nos dias de hoje, nos quais nossa elite tecnocrática deposita toda sua esperança em dados e algoritmos. É claro que os dados são importantes. Podemos, por exemplo, fazer uma planilha para avaliar que áreas necessitam mais de recursos – saúde, educação, moradia, etc. Mas depois que eles são compilados, como escolher? Essa é uma questão que a matemática não resolve. Há quem pense, por exemplo, que uma análise econômica basta para decidir questões de Estado. Mas a realidade é maior que o cálculo. As questões éticas e existenciais que permeiam cada decisão política não podem ser decididas por métodos quantitativos. Essa é, pois, a vocação das humanidades: no mundo da técnica, ela nos ensina a levar a sério a inescapável dimensão qualitativa do ser.

## O SÁBIO E O ESPECIALISTA

Há ainda um outro ponto: o prestígio das ciências reduziu a vida intelectual à especialização, isto é, dominar um assunto específico e delimitado. O especialista é inevitável. O conhecimento é vasto e está continuamente em expansão. Sua sabedoria, entretanto, não é a única possível nem a única desejável. Como escreveu Ortega y Gasset em *La Rebelión de las Masas*, o

especialista *sabe* muito bem a respeito de seu pequeno canto do universo, mas ignora radicalmente todo o resto.

Existe uma outra forma de conhecimento, complementar a da especialização e tão importante quanto ela: a visão de conjunto do Todo, um conhecimento tão esquecido que nem mesmo temos um nome para ele. Os gregos o chamavam de *sophía*, sabedoria, mas também falavam em *phrónesis*, prudência (no sentido de sabedoria prática, não de cautela), para indicar uma sabedoria mais humana, aquela própria de quem sabe viver. A *phrónesis* é o conhecimento profundo da condição humana, mas também a capacidade de entender o que está envolvido em cada situação concreta. Ela é, segundo Isaiah Berlin (1957), “um senso para o que é qualitativo em vez do quantitativo, para o que é específico em vez do geral; é um tipo de entendimento direto, distinto da capacidade para a descrição, o cálculo ou a inferência”. A *sophía*, por sua vez, dá um passo além: não é apenas uma sabedoria de vida, mas o conhecimento amplo e profundo da totalidade do ser. Ela parece um ideal impossível, mas não é necessário, para alcançarmos, conhecer os detalhes de todas as disciplinas. A *sophía* é, antes, um mapa geral, uma visão arquetônica da realidade, na qual captamos seus princípios e o modo como se relacionam.

### **PHRÓNESIS E SOPHÍA**

Para entendermos a *phrónesis* e a *sophía*, vale a pena investigarmos como alguns autores antigos e medievais pensaram a educação. A base da *paideia* grega, como indicou Platão nos primeiros livros da *República*, era ginástica e música: primeiro, treinar o corpo, torná-lo forte e capaz; depois, fazer o mesmo com a alma, através *mousiké*, que não é bem o que hoje entendemos por música. Originariamente, o termo indicava “o que era relativo às musas”, ou seja, às divindades protetoras da cultura. Ele dizia respeito à arte dos sons, mas também à performance de poemas, muitos deles cantados com o acompanhamento do *áulos* (um instrumento de sopro de som estridente) ou da lira (é por isso que falamos, até hoje, em poesia lírica). Assim, o estudo da *mousiké* envolvia o contato com as obras dos grandes poetas e a sua memorização.

Os gregos chamavam essa educação literária de *grammatiké*. Não era simplesmente o que entendemos por gramática: em grego, *grammata* significa *letras*; *grammatiké*, o que é relativo às letras. Nas aulas de gramática, os alunos estudavam a língua e suas sutilezas, mas também os poetas. O manual didático por excelência era a *Ilíada* e a *Odisseia*. A partir da leitura de Homero, o professor falava dos fenômenos linguísticos (daí que a *grammatiké* grega se tornou a nossa gramática), mas também dos mitos, da geografia, da história. Em suma, de tudo o que ajudasse o estudante a entender o poema.

Essa educação básica ia até a adolescência. Depois, o que havia era um ensino informal, obtido através do convívio com os adultos, no qual o jovem

aprendia o que se esperava dele enquanto cidadão. Mas, no século V a.C., começaram aparecer professores que propunham uma continuação nos estudos, isto é, uma educação superior que completaria e aprofundaria a educação tradicional: os sofistas. Com efeito, o movimento sofístico é principalmente um movimento pedagógico.

E o que eles ensinavam? Quando analisamos as fontes, percebemos que existiam variadas propostas; mas, antes de tudo, o que se ensinava era como ser um cidadão de destaque. Para isso, o essencial era o domínio da retórica, a arte de falar bem e de persuadir, conhecimento essencial nas assembleias políticas. Mas a educação sofística não se resumia à eloquência. No *Protágoras* de Platão, o sofista Protágoras dizia que o que ele ensinava era a virtude. Que virtude? Lendo com atenção o que ele diz no texto, podemos compreender: é aquela que torna a pessoa capaz de deliberar e agir bem em sua comunidade; em outras palavras, a *phrónesis*.

A *phrónesis* é uma sabedoria do concreto e, por isso, não pode ser codificada. Hoje, temos como ideal o conhecimento teórico: aprender é estudar teorias. É claro que a sabedoria prática tem um elemento teórico: a pessoa sabe o que faz e sabe por que faz o que faz - eis a diferença, para Aristóteles, entre experiência e conhecimento. Mas só a teoria não basta; as circunstâncias concretas são complexas demais para que um conjunto de ideias as possa abarcar. Quando aprendemos piano, não basta estudar um manual. É preciso muita prática, *empeiría*, para falar como Aristóteles, que nos dá a percepção das sutilezas da arte: a intensidade, o ritmo, o modo de tocar. Saber essas coisas é ter um outro tipo de compreensão, um conhecimento encarnado. Ele diz respeito ao ser humano por inteiro: a imaginação, a memória do corpo, a inteligência.

É também assim que se alcança a *phrónesis*. Na vida, não basta um conjunto de princípios teóricos; precisamos de experiência. Mas só ela não basta: necessitamos com ela querer aprender. É por meio da reflexão sobre a experiência, que os gregos chamavam de *meléte*, que, aos poucos, vamos nos tornando prudentes, se, concomitantemente, vamos desenvolvendo outras virtudes como a coragem, a temperança e a justiça. Eis, então, os três fundamentos da *phrónesis*: a experiência (*empeiría*), a meditação (*meléte*) e a virtude (*areté*).

Um outro ponto comum à proposta dos grandes sofistas: o aprofundamento da educação literária. Ela fornecia ao aluno modelos de eloquência, mas também completava o que faltava à experiência. Nenhuma vida é capaz de esgotar a existência humana, mas, por meio da literatura, podemos viver mil vidas e, assim, compreender melhor a nossa condição. No caminho da prudência, a educação literária completa o que falta à *empeiría*, ampliando as perspectivas de nossa meditação. Nem todo mundo esteve em uma guerra, mas, com a leitura da *Ilíada*, ao meditar no drama de Aquiles, podemos captar algo da experiência, típica de uma batalha, de ter, a cada momento, tudo a perder.



Muitos acolheram a nova educação dos sofistas, pagando caro por elas. Outros viam-na com maus olhos, como Aristófanes (por exemplo, nas *Nuvens*), que, em suas peças, se mostrava saudoso da *paideia* dos tempos de Maratona. Também Platão tornou-se seu crítico, censurando seu descarado aspecto econômico e seu descaso para com a verdade. Os sofistas tinham alguma razão em serem cautelosos com a verdade. Em matemática, é fácil encontrar uma resposta correta, mas nos assuntos humanos, é uma tarefa quase impossível. Várias são as perspectivas em cada situação, vários os valores em jogo. Quando lemos com atenção o canto I da *Ilíada*, percebemos que, na querela entre Aquiles e Agamêmnon, ambos e nenhum deles têm razão: Agamêmnon exerceu, de modo tirânico, o seu poder contra Aquiles, mas Aquiles não soube compreender as inseguranças de Agamêmnon, trazendo, aos gregos, por causa dessa disputa, grandes perdas.

Sócrates, no entanto, não se contentava com a mera opinião. Ele buscava, mesmo na complexidade das situações, princípios incontroversos. Essa também era a intenção de Platão, quando elaborou seu pensamento, no que também foi influenciado pelos pitagóricos. A meu ver, foi no contato com eles, em suas viagens à Itália, que ele formulou seu ideal pedagógico, mais profundo e exigente que o dos sofistas, que ele chamou de *philosophía*.

Para quem se dedica à filosofia, o ideal da virtude política, de uma *phrónesis* que se resume aos assuntos humanos, não é o bastante. A sabedoria que busca o filósofo é uma visão ampla e profunda da totalidade, em seus aspectos gerais e primeiros princípios. A *philosophía* não se esquece dos assuntos humanos, mas pensa-os em uma perspectiva maior. É por isso que Platão considerava que ela seria uma educação superior, mais útil à *pólis* que a sofística, pois, a partir da sabedoria, uma prudência mais elevada seria possível. Se conhecemos a verdade das coisas, se temos a perspectiva do Todo, sabemos melhor como agir. Com efeito, a *philosophía* platônica não se reduz a um ideal teórico, desligado da existência concreta, mas era também um modo de vida, uma existência segundo a verdade das coisas.

Isócrates, contemporâneo de Platão, fundou uma escola baseada nos ensinamentos dos sofistas, que ele sistematizou. Seu ideal pedagógico se tornou a base para toda educação retórica posterior, na Grécia e em Roma. Tratava-se, antes de tudo, de uma educação para a prudência, na qual o estudante não se dedicava apenas à eloquência, mas também cultivava os estudos literários, a cultura geral, a deliberação e a virtude, etc. Pouco tempo após Isócrates, Platão fundou sua Academia, que também se tornou um modelo, a inspiração de toda escola filosófica posterior – o Liceu, a *Stoa*, o Jardim de Epicuro. De um certo modo, os diálogos que Platão escreveu são uma refinada forma de propaganda e é por isso que nunca esgotam os assuntos, muitas vezes, terminando em aporia. É por isso também que neles, os sofistas, mesmo os melhores entre eles, são, em geral, vistos de maneira desfavorável. Quando ataca Górgias ou Protágoras, é Isócrates que Platão tem em mira. Mas, para falar com Henri Marrou (2017), no

embate entre Isócrates e Platão, o primeiro foi o vencedor. A educação superior por excelência na Antiguidade foi a retórica. É que a filosofia era complexa e rigorosa demais para que fosse acolhida pela multidão.

Esses dois ideais pedagógicos correspondem aos dois modelos de *eudaimonía* explorados na *Ética a Nicômaco* por Aristóteles. A vida virtuosa dedicada à *pólis* corresponde ao ideal da *phrónesis*; a vida que se consuma na contemplação é fruto da *philosophía*. O caminho filosófico pode ser mais exigente e seus benefícios, menos aparentes; mas a felicidade que promete é superior. Aristóteles, no livro X da *Ética*, afirma que é a vida divina do homem, mais autossuficiente que outros modos de vida, recompensada com um prazer mais elevado, puro e duradouro.

A *theoría* da qual fala Aristóteles, alcançada após muitos anos de dedicação, é a contemplação, em assombro, do Todo, o vislumbre da ordem do mundo, no qual, para falar com Aryeh Kosman (2016), o percebemos como um *kósmos* no qual todas as coisas realizam os fins determinados por suas essências. Mas é também a compreensão de que esse *kósmos* exige um fundamento, o Primeiro Motor, que não é conhecido em si, mas que alcançamos indiretamente, por meio da argumentação filosófica. Em outras palavras, para o filósofo aristotélico, o ápice da experiência humana é a visão do divino, contemplado no espelho do mundo.

Esses dois projetos, o de Isócrates e o de Platão, não eram mutuamente excludentes. A escola retórica abria espaço para algum estudo da filosofia, como parte da cultura geral que o homem prudente deveria possuir. O filósofo, por sua vez, entendendo a retórica como forma de psicagogia (a arte de conduzir as almas, como Platão a define no *Fedro*), encontrava nela algum valor, desde que não descuidasse da verdade.

Roma absorve primeiro a educação retórica, mas, no séc. I a.C., vê crescer o interesse pela filosofia. Cícero, o maior dos oradores da Antiguidade, concebe um projeto de uma filosofia em latim, escrevendo importantes diálogos filosóficos; nisso é seguido por Sêneca e outros. Mas é só com Agostinho que a filosofia latina chegará a altura de Platão e Aristóteles. Agostinho, no entanto, como Cícero, foi, primeiro, professor de retórica. Foi, aliás, com a leitura do *Hortênsio* de Cícero, que ele, aos dezoito anos, decidiu dedicar-se à filosofia. E, de fato, será a educação retórica aquela seguida pela maioria dos cristãos cultivados. Mesmo os Padres capadócios (Basílio, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa), mais que a filosofia, haviam absorvido a *paideia* retórica. É com Justino e Orígenes que, lentamente, o ideal filosófico será absorvido pelo cristianismo, continuando a existir, por influência de Agostinho, durante a Idade Média, ainda que como um caminho de poucos, até se institucionalizar na universidade medieval. Após o conturbado período das invasões bárbaras, no qual a educação se restringirá aos mosteiros, no renascimento carolíngio, é sobretudo a retórica que será redescoberta. Nas escolas catedrais dos impérios



carolíngio e otoniano, nos séc. X e XI, se desenvolverá um ensino superior, baseado em Cícero, voltado às *mores et litterae* (os costumes e as letras), cuja finalidade é a nobreza e a sabedoria nos assuntos humanos.

Os filósofos também aparecem, sempre poucos e isolados. À medida que as cidades vão renascendo, a *philosophía* vai se expandindo. Será cultivada, no séc. XII, na escola de Chartres e no mosteiro de S. Vítor. Com a ascensão das universidades, atingirá seu ápice em Tomás de Aquino e Boaventura, para os quais, ainda que serva da teologia, é ainda um caminho para a contemplação. Em Tomás, vemos unidos o modo de vida monástico, que ele aprendeu com os beneditinos antes de se tornar dominicano, a tradição platônica, absorvida através de Agostinho e Dionísio Areopagita e o aristotelismo então em ascensão. Mas se é na universidade que o ideal da sabedoria atinge seu ápice, é também ali que começa a desaparecer. É que um saber teórico se presta a um ensino universitário, com seus professores e disciplinas, mas um modo de vida se aprende no convívio com um mestre. O antigo espírito da filosofia será redescoberto, no Renascimento, pelos florentinos: Marsilio Ficino, Pico della Mirandola e outros tentam seguir novamente o caminho, tal como ensinado pelos platônicos. Contudo, seus esforços não serão levados adiante. Na modernidade, a filosofia como modo de vida é deixada de lado e a busca por uma visão integrada do Todo, apesar do legado de Descartes e Spinoza, Leibniz, Hegel e outros, vai aos poucos desaparecendo.

Por outro lado, a educação para a prudência, que permanece ativa por toda a era medieval, ganha uma nova força quando, segundo a forma que lhe fixou Quintiliano, é adotada pelos jesuítas como a base de seu método de ensino. A educação humanista praticada por eles, baseada nos autores gregos e latinos, se torna um dos grandes modelos pedagógicos da Idade Moderna, sendo assimilada, de formas variadas, por diversas instituições de ensino até o início do século XX.

Com a revolução industrial, a educação técnica ganha força. O mundo novo que surge não é mais um mundo de homens prudentes, mas de especialistas. O humanismo, assim, vai dando o lugar à educação especializada nas universidades, até deixar de ser vivido nas próprias humanidades, que se tornam ciências humanas. Nos dias de hoje, a lacuna deixada pelo desaparecimento da *phrónesis* não deixa de ser percebida, mas busca-se supri-la com uma formação para a cidadania. Esta, no entanto, mais superficial, reduzindo-se, muitas vezes, a umas poucas dinâmicas e frases de efeito, não consegue ser mais do que uma imagem apagada do que outrora foi a *paideia* humanística.

## CONCLUSÃO

Vivemos em um mundo de especialistas, de pessoas que sabem muito sobre poucas coisas. O sábio é de tal modo ausente que nem ao menos acreditamos que sua existência seja possível. Dizemos que ele pertence a uma

outra era, quando o conhecimento não havia ainda avançado o suficiente e era ainda possível a uma só pessoa dominar áreas diversas. Mas essa é uma ilusão. Já na época de Platão não era possível a um só homem abarcar todo o saber. Não se trata de estudar tudo o que se há para conhecer, mas de buscar uma visão arquitetônica: compreender os princípios, as várias esferas da realidade e o lugar que ocupam na totalidade.

Graças ao especialista, a ciência e a tecnologia viveram grandes avanços. Devemos ser gratos a eles e compreender que são necessários. No entanto, sem a sabedoria, eles são incompletos. Hoje, o que temos são economistas que abordam os problemas como se fossem uma mera questão de economia, advogados que só pensam em leis e engenheiros que não mais entendem que não se codifica o humano em uma equação. Não mais captamos a polifonia do ser nem enxergamos as complexas relações que determinam todas as coisas. De um certo modo, saber uma coisa é saber todas as outras. É por isso que a raiz de nossa crise atual é a falta de pessoas prudentes, indivíduos que saibam, de um modo humano, conduzir os assuntos da *pólis*, mas, principalmente, de sábios.

Em nosso mundo contemporâneo, substituímos a sabedoria pela tecnocracia. Temos conhecimentos muito específicos, mas não sabemos tomar boas decisões a partir deles, pois não sabemos integrá-los em uma perspectiva mais ampla. É por isso que existem tantos especialistas, mas também tanta desorientação. As humanidades, antes de serem uma especialidade, são um caminho pedagógico em direção à *sophía*, que é a vocação do filósofo, e à *phrónesis*, que se adquire pelo estudo da literatura e da história, aliado à prática da virtude e a experiência pessoal.

Essa educação humanística é necessária, em alguma medida, para todos os que vivem em uma democracia, se não queremos que ela se torne uma província de marqueteiros, como tem se tornado. Ela também é importante para a vida profissional. Em um mundo onde nenhum conhecimento técnico permanece atual por muito tempo, é preciso investir nas habilidades fundamentais que as humanidades ensinam: a leitura e a escrita em um nível superior, a compreensão em profundidade, a capacidade de entender uma questão em seus diversos aspectos e de integrá-los em uma perspectiva mais elevada, a comunicação com empatia, a tomada de decisão a partir de uma visão mais ampla do homem e da realidade.

Essa é a missão das humanidades, não apenas nos tornar especialistas (ainda que possamos nos especializar nas várias disciplinas que ela contém), mas formar nosso espírito, tornando-o translúcido à totalidade do ser. Elas nos oferecem mais do conhecimento técnico: oferecem sabedoria. No reino da quantidade em que vivemos, talvez seja exatamente isso o que precisamos.

## Referências

- ARISTÓFANES. **As nuvens**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Petrópolis: Vozes, 2024.
- BERLIN, I. On political judgement. **New York Review of Books**, 43, p. 26-30.
- HOMERO. **Ilíada**. S. Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- HUGO DE S. VITOR. **Opúsculo sobre o modo de aprender e meditar**. Campinas: Kirion, 2024.
- KOSMAN, A. *Aristotle on the Contemplation of the Divine* [vídeo]. **YouTube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2VJYN6ghj3s>. Acesso em: 25 nov. 2025.
- LANGER, S. **Filosofia em nova chave**. S. Paulo: Perspectiva, 2024.
- ORTEGA Y GASSET, J. **A rebelião das massas**. Campinas: Vide, 2015.
- MARROU, H. **História da educação na Antiguidade**. Campinas: Kirion, 2017.
- PLATÃO. **Fedro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- PLATÃO. **Protágoras**. São Paulo: Perspectiva, 2020.
- PLATÃO. **A República**. São Paulo: Perspectiva, 2020.
- VOEGELIN, E. **A nova ciência política**. Campinas: Vide, 2025.